



O IMPACTO DO CÍRCULO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E LEITURAS FEMINISTAS (CILEF): UM RELATO DE PARTICIPANTES DO SUL E NORTE GLOBAL

The impact of the international circle of feminist studies and readings (CILEF): a report from participants from the global south and north

Adila Eugenia Brindel

Friedrich Alexander Universität Erlangen-Nürnberg
adilaeugenia.geo@gmail.com

Damiana Pereira de Sousa

Universidade Federal de Goiás – UFG
damiana.ufg@gmail.com

Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano

Instituto Federal de Goiás – IFG/Câmpus Águas Lindas de Goiás
daisycatano@gmail.com

Resumo: O Círculo Internacional de Leituras e Estudos Feministas surgiu de uma parceria entre pesquisadoras, estudantes e docentes do Brasil e da Alemanha em outubro de 2020. Desde o início o intuito sempre foi promover uma ponte de troca de conhecimentos acerca do debate sobre justiça de gênero no sul e norte global. Nesse contexto, este trabalho almeja compreender a relevância do Círculo para a formação e enfrentamento diário ao machismo, sexismo e misoginia presentes nas sociedades. Além disso, objetiva contribuir com o fortalecimento do Círculo, possibilitando a formação de mais mulheres e homens feministas.

Palavras-chave: Estudos Feministas. Círculo de Leitura e Estudos. Intercâmbio Internacional. Brasil e Alemanha.

Abstract: The International Circle of Feminist Readings and Studies emerged for a partnership between researchers, students and teachers from Brazil and Germany in October 2020. From the outset, the aim has always been to promote a bridge for exchanging knowledge about the debate on gender justice in the global south and north. In this context, this work aims to understand the relevance of the Circle for training and confronting sexism and misogyny present in societies. In addition, it aims to contribute to strengthening the Circle, making it possible to train more feminist women and men.

Keywords: Feminist Studies. Reading and Study Circle. International Exchange. Brazil and Germany.

INTRODUÇÃO

O Círculo Internacional de Leituras e Estudos Feministas (CILEF) surgiu em 2020 através de uma parceria entre pesquisadoras, estudantes e docentes do Brasil e da Alemanha. As reuniões iniciaram em outubro do mesmo ano e continuam ocorrendo. O objetivo do Círculo é promover uma ponte de troca de conhecimentos acerca do debate sobre justiça de gênero no Sul e Norte global. É um projeto que visa contribuir significativamente na luta contra o machismo e desconstruir estereótipos e preconceitos atrelados ao feminismo nos tempos atuais.

Acredita-se que este trabalho contribui para o debate feminista geográfico brasileiro, pois enfatiza como um círculo de leituras, um projeto voluntário, um método de estudo, ajuda na formação feminista acadêmica. Um círculo internacional de leitura e estudos permite que haja troca cultural de percepções, experiências e vivências em sociedades que apesar de muito diferentes pela sua história e geografia, são também muito parecidas na questão das injustiças de gênero. Essa troca, que é multilingual, permite que o debate se expanda para além das fronteiras geográficas e linguísticas. Durante os encontros intercala-se diferentes idiomas (alemão, inglês, espanhol, português), assegurando uma comunicação/participação democrática e solidária.

Os encontros ocorrem na plataforma Zoom. Várias obras já foram lidas e debatidas, entre elas, destaca-se: *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva* (2019), de autoria de Silvia Federici, *Teoria feminista: Da Margem ao Centro* (2019), de Bell Hooks, *O segundo sexo* (1980), de Simone de Beauvoir e *Um Feminismo Decolonial* (2020), de Francoise Vergès. O grupo almeja um feminismo que, contribua com o debate sobre desigualdades sociais, de gênero, classe e raça. Assim, o conceito de interseccionalidade e decolonialidade são cruciais.

Este trabalho se estrutura como um relato de caso na formação feminista decolonial por meio da leitura de livros contemporâneos e clássicos feministas. Esta investigação almeja avaliar, com ajuda da ferramenta digital Google Forms, o quão impactante o CILEF é na vida pessoal e acadêmica das pessoas que o frequentam. Este relato de experiência se insere no grupo de trabalho Ensino, Formação Docente e Relações de Poder, pois este estudo de caso expõe a função do CILEF enquanto formação acadêmica feminista para estudantes, pós-graduandos e docentes. Este trabalho busca também demonstrar que no Brasil e na Alemanha as relações de poder dentro de instituições de ensino possuem traços sexistas e que estudantes, pós-graduandas e professoras docentes enfrentam diversas formas de violência de gênero nesse meio.

O objetivo deste trabalho é identificar a relevância do Círculo para a formação feminista e enfrentamento diário do machismo, sexismo e misoginia presentes na sociedade. Trata-se de um projeto que demonstra a força da leitura e debate no processo de transformação de vidas, sobretudo das mulheres. A pesquisa desenvolvida propõe uma abordagem qualitativa, baseando-se em análise das respostas de participantes do Círculo obtidas a partir da aplicação de um questionário feito através do Google Forms. O questionário tem por finalidade compreender como a participação no CILEF tem impactado suas vidas e se houve mudanças em seus cotidianos no que diz respeito ao enfrentamento às injustiças de gênero.

A pesquisa está estruturada em três pontos. Inicialmente aborda-se o contexto de criação do Círculo de Leituras e Estudos Feministas, em seguida há a apresentação da metodologia utilizada e análise das obras lidas e debatidas. E, por fim, a análise do impacto deste círculo de leitura e estudos para a formação feminista e enfrentamento diário das violências de gênero na sociedade na vida das participantes.

O CILEF: LEITURAS E REFLEXÕES

O Círculo Internacional de Leituras e Estudos Feministas (CILEF) surgiu em 2020 através de uma parceria entre pesquisadoras, estudantes e docentes do Brasil e da Alemanha. Como já mencionado na introdução deste trabalho, o CILEF tem por objetivo promover uma ponte de troca de conhecimentos acerca do debate sobre justiça de gênero no Sul e Norte global.

As reuniões iniciaram em outubro de 2020 e seguem acontecendo. Desse modo, visa contribuir significativamente na luta contra o machismo e desconstruir estereótipos e preconceitos atrelados ao feminismo nos tempos atuais. Contribui também para o debate feminista geográfico, pois enfatiza como um círculo de leituras, um projeto voluntário, um método de estudo, ajuda na formação feminista acadêmica.

A primeira obra estudada no Círculo foi *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* (2019), de autoria de Silvia Federici. Foi lançado no Brasil em 2017 e entendido como uma contribuição para o movimento de libertação das mulheres. Com a leitura atenta da obra compreende-se que Federici faz uma análise histórica sobre a discriminação e a desigualdade em relação às mulheres no mundo capitalista. O nome do livro é uma referência a dois personagens da obra *A tempestade* (1610-1611), de William Shakespeare: Calibã, um homem negro escravizado e descrito como “selvagem” e “deformado”, e sua mãe, a bruxa

Sycorax, que na obra são tomados como os símbolos do racismo e da misoginia que sempre andaram de mãos dadas com o capitalismo.

Por ser uma obra extensa, haja vista que conta com 448 páginas com muitas referências e análises aprofundadas e dialogadas com outros autores e autoras, foram dedicadas várias reuniões do Círculo para debatê-la e compreendê-la. Contudo, destaca-se que a autora apresenta uma perspectiva que visa mostrar que a construção da história da figura da bruxa está ligada a história da origem do capitalismo, cujo objetivo era transformar os corpos femininos, por meio de um processo de aterrorização, em máquinas de produzir crianças, os futuros trabalhadores responsáveis por manter a nova ordem econômica em funcionamento. Ou seja, a autora faz um esforço para esclarecer as conexões mencionadas e, especialmente, a relação entre a caça às bruxas e o desenvolvimento contemporâneo de uma nova divisão sexual do trabalho que confinou as mulheres ao trabalho reprodutivo. Porém, demonstra também que a perseguição às bruxas, bem como o tráfico de escravos e os cercamentos, constituiu um aspecto central da acumulação e da formação do proletariado moderno.

Mediante tais considerações, enfatiza-se os questionamentos apresentados pela autora: por que depois de quinhentos anos de domínio do capital, no início do terceiro milênio, os trabalhadores ainda são massivamente definidos como pobres, bruxas e bandoleiros? De que maneira se relacionam a expropriação e a pauperização com o permanente ataque contra as mulheres? O que podemos aprender sobre o desdobramento capitalista, passado e presente, quando examinado em perspectiva feminista? Doravante tais questionamentos, Federici analisa o processo de “transição” do feudalismo para o capitalismo a partir da perspectiva das mulheres. Expondo a cruel associação entre a perda da posse da terra, a liberalização econômica e a exposição das mulheres à violência.

Assim, percebe-se o afastamento da autora da análise de Marx ao examinar a acumulação primitiva do ponto de vista do proletariado assalariado do sexo masculino e do desenvolvimento da produção de mercadorias, e Federici do ponto de vista das mudanças que foram introduzidas na posição social das mulheres e na produção da força de trabalho.

Dito isso, entende-se que quando a autora utiliza o termo acumulação primitiva, há fenômenos que estão ausentes na análise de Marx, que são relevantes para a acumulação capitalista, tais como: o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho; a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina de produção de novos trabalhadores. Isto é, o processo de

formação e acumulação do proletariado mundial, não se deu apenas pelos cercamentos das terras dos trabalhadores europeus e pela escravização dos povos originários da África e da América (a acumulação primitiva), mas também pela transformação dos corpos das mulheres em máquinas de trabalho doméstico e de parir, foi um processo de acumulação de diferenças e divisões dentro da classe trabalhadora. Conclui-se, que a caça às bruxas, segundo Federici, portanto, foi o meio encontrado para domesticar e subjugar as mulheres à função determinada a elas pelo sistema capitalista nascente.

Diante do exposto compreende-se a importância da leitura e do estudo da obra de Silvia Federici para o CILEF.

A segunda obra lida e debatida no CILEF foi *Teoria feminista: Da margem ao centro* (2019), de Bell Hooks. É uma obra que defende uma revolução feminista que transcenda reformas, com enfrentamentos das ideologias do sexismo, do racismo e do capitalismo, entre outras. Hooks, aponta que defender o feminismo é não admitir qualquer tipo de opressão sobre (ou entre) mulheres. É considerar homens como potenciais opressores, mas também como potenciais camaradas de luta.

Bell Hooks utiliza de linguagem acessível e faz críticas certeiras ao feminismo hegemônico, que geralmente é branco, de classe média, acadêmico, heteronormativo e desigual.

Precisávamos de uma teoria capaz de mapear ideias e estratégias para um movimento de massas, uma teoria que examinasse nossa cultura de um ponto de vista feminista enraizado numa compreensão das questões de raça, gênero e classe social. Foi em resposta a essa necessidade que escrevi *Teoria Feminista: Da margem ao centro*. (Hooks, 2019.p. 18.)

A autora assim, propõe uma revolução feminista idealizada por mulheres negras. É uma proposta que pensa a realidade de diferentes mulheres, provenientes do centro e das margens, suas respectivas, suas concepções, suas demandas específicas, em solidariedade política, com a parceria de homens, objetivando a ressignificação das relações. A autora pontua que a revolução feminista negra é uma luta por libertação e essa libertação é para todos e todas. É uma obra para quem quer compromisso com uma reflexão acompanhada de ações por um mundo com liberdade e igualdade.

Os capítulos apresentam discussões sobre mulheres negras moldando a teoria feminista, a luta contra a opressão sexista e a relevância do próprio movimento feminista.

O movimento feminista continua sendo uma das frentes mais poderosas de luta por justiça social no mundo hoje. Como grupo, as mulheres negras estão numa posição peculiar na sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional, mas também porque o nosso status

social é inferior ao de qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe. (Hooks, 2019, p. 26)

Compreende-se, a crítica da autora ao movimento feminista hegemônico que nunca foi protagonizado pelas mulheres negras, mulheres que sofrem opressão em todas as esferas de suas vidas, que são diariamente subjugadas, mental, física e espiritualmente, ou seja, mulheres sem o poder de mudar suas condições de vida. A autora destaca que essas mulheres “formam uma maioria silenciosa”.

Ao criticar o movimento feminista hegemônico Bell Hooks, reitera que o racismo emerge constantemente nos escritos das feministas brancas, reforçando a supremacia branca e nega às mulheres a possibilidade de superar politicamente as limitações raciais e étnicas. Isto fica evidente, esclarece Hooks, quando mulheres brancas cultas, privilegiadas em termos materiais, com muitas opções de carreira e estilo de vida insistem em que “o sofrimento não pode ser medido” e assim é preciso questionar seus motivos.

Os métodos de exclusão praticados pelas mulheres que dominam o discurso feminista têm tornado quase impossível a emergência de teorias novas e diversas. O feminismo tem sua linha oficial, e as mulheres que anseiam por uma estratégia diferente, por fundamentos distintos, são normalmente proscritas e silenciadas. A crítica interna e a busca por ideias alternativas não são encorajadas (vejam-se, por exemplo, as controvérsias recentes sobre a tentativa de expandir o debate feminista no campo da sexualidade). E, no entanto, as mulheres que se sentem excluídas da discussão e da práxis feministas só podem encontrar um lugar para si mesmas se, antes de tudo, tomarem consciência, por meio da crítica, dos fatores as alienam. Muitas mulheres brancas encontram no movimento feminista uma solução libertadora para seus dilemas pessoais. (Hooks, 2019, p. 37-38)

Desse modo, entende-se a crítica da autora ao movimento feminista e a emergência de abordagens fundamentais para o movimento, como as perspectivas próprias das mulheres negras. Assim, Hooks apresenta, de maneira didática, pontos importantes para promover a construção coletiva de um movimento que, apesar de já existir, não inclui exatamente todos os atores sociais. Para atender a esse objetivo, a autora propõe que raça e classe fiquem marcadas nas análises dos estudos feministas para além do sexo, pois assim seria possível compreender tantas realidades em suas complexidades.

Outro ponto enfatizado pela autora é a questão de classe, pois para ela a luta de classes é indissociável da luta pelo fim do racismo. Pertencer a uma determinada classe molda toda a percepção, vivência e oportunidades de uma pessoa. A problemática da questão se revela, segundo a autora, quando as feministas brancas de classe média e alta tratam de pautas sexistas apenas como forma de dominação patriarcal, não levando em consideração que mulheres negras e mulheres de classe baixa (mesmo as brancas) apresentem outras nuances que perpassam suas

trajetórias, levando a interpretações esvaziadas e distantes de suas realidades. Além disso, contribuem para o sistema de opressão construído por homens brancos fazendo-os hábeis para controlar mulheres negras.

É preciso, portanto, enfatizar a perspectiva interseccional na luta feminista. Pensar a partir da interseccionalidade, que deve se voltar contra a opressão de classe, raça e sexo. Há a necessidade de se adaptar os debates, ampliar as discussões, as escritas, os diálogos e as linguagens para assim atingir as mulheres que estão na margem, no centro e em todos os lugares. Que atinja homens e mulheres multiétnicos, acadêmicos ou não, uma luta feminista, de fato, revolucionária.

Conclui-se, que a obra *Teoria Feminista: da margem ao centro*, de autoria de Bell Hooks, foi fundamental para no CILEF, porque ampliou as reflexões das participantes, impactando-as. A obra aborda questões ignoradas e silenciadas ao trazer as discussões sobre as mulheres negras moldando a teoria feminista, ao pensar em suas demandas mais genuínas, na luta contra a opressão sexista, a solidariedade política entre as mulheres, homens como companheiros de luta, perspectivas críticas sobre o poder, as relações de gênero no mundo do trabalho, a educação ampla de mulheres como agenda central do feminismo, a luta contra as violências de gênero, atividades parentais como maternidade e paternidade revolucionárias e o compromisso com o fim das opressões sexuais contra as mulheres e sobre uma luta feminista verdadeiramente revolucionária. É um livro que contribui para o CILEF reverberando em práticas feministas diárias.

A partir da leitura da obra de Bell Hooks, decidiu-se aprofundar os estudos e leituras interseccionais. Assim, foi realizado leituras e debates sobre o livro *Um Feminismo Decolonial* (2020), de Francoise Vergès. A abordagem se concentra na teoria da decolonialidade a partir de uma perspectiva feminista. Ou seja, para as consequências da colonização, é necessário ser antipatriarcal, anticolonial, anticolonialista, antirracista e anti-imperialista para denunciar a heteronormatividade e as formas sobrepostas de dominação por meio da interface de gênero e etnia (identificadas pelo feminismo negro norte-americano e brasileiro). Neste livro, Vergès aborda mulheres do Sul Global em crítica ao feminismo civilizatório (branco, burguês, europeu, universalizante, imperialista), que, em relações desiguais, não as integra.

A autora destaca fatos simples, tangíveis que iluminam a estrutura profundamente marcada pelo gênero, racializada e estratificada que permite à sociedade burguesa funcionar há séculos. Pode-se compreender com os exemplos apontados, tais como: “cada dia, em cada cidade, milhares de mulheres negras, racializadas, 'abrem' a cidade. Elas limpam os espaços que

o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar”. Portanto, as mulheres negras desempenham um trabalho perigoso, mal remunerado e considerado não qualificado. Além disso, a autora destaca, que essas mulheres inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, o que as adoecem.

Vergès, se utiliza de uma terminologia nova para mostrar a realidade das mulheres negras no sul global, “racializadas”, faxineiras e empregadas domésticas que “limpam” o mundo. Isto posto, compreende-se que a proposta é a análise partir de uma perspectiva de um feminismo decolonial, antipatriarcal e anticapitalista, isto é, um feminismo que leva em conta as consequências da colonização nas relações atuais para repensar o próprio movimento feminista, fazendo-o entrelaçar além de questões de gênero e raça, pois já são bem mapeadas pelo feminismo negro, a variável de classe, ligadas ao capitalismo.

Outro ponto importante que se deve destacar da obra da autora francesa, é a crítica ao feminismo branco e burguês, pois ao descrever a realidade crua e verdadeira de fatos cotidianos, a autora toca no que ela chama de feminismo “civilizatório” defendido por mulheres “brancas e burguesas” que na década de 1960 reivindicavam direitos iguais em relação aos homens de suas classes, isto é, classes média e altamente privilegiadas. Desta forma, Vergès reitera que o feminismo deve ser necessariamente multidimensional, incluindo reflexões e debates sobre raça, classe e sexualidade.

A leitura da obra é um convite para um reencontro com o feminismo, com um imaginário capaz de produzir transformações radicais na sociedade. É um esforço de visibilizar o que é invisibilizado diariamente: a opressão normalizada que sofrem milhares de mulheres de todos os lugares do mundo.

É pertinente salientar que a autora cresceu na Ilha da Reunião, departamento ultramarino francês localizado no continente africano, assim pôde vivenciar experiências de mulheres negras e racializadas para construir a problemática de sua obra, ou seja, a colonialidade que se repercute nas opressões vividas por essas mulheres. Sendo assim, foi sua experiência nessa Ilha, onde reinava uma ordem imperial francesa, que lhe possibilitou compreender a relação entre capitalismo, racismo, imperialismo e sexismo. A partir dessa realidade, Vergès expõe toda violência e invisibilização que os corpos de mulheres que são encarregadas de cuidar e limpar sofrem todos os dias. Tais violações, conforme a autora, gera a desumanização diária dessas mulheres. E essa colonialidade institui até os dias atuais uma política de vidas descartáveis.

Nesse ensejo vale destacar ainda que a autora evidencia que mesmo sendo as mulheres racializadas responsáveis por cuidar da limpeza da cidade, dos filhos do patrão, elas não têm direito à cidade. Esses espaços urbanos se tornam apenas lugares para exploração. Isto é, conforme a autora, há uma evidente segregação socioespacial porque mesmo acessando os grandes centros urbanos, estes espaços lhes são negados.

Por fim, outro ponto que é destacado pela autora diz respeito ao seu olhar sobre as realidades vivenciadas no século XXI. Segundo Vegès, há tentativas de anulamento das lutas feministas que o capitalismo se apropria de forma sagaz. É mais um desafio para um feminismo decolonial, um feminismo que dê conta de uma visão sistêmica e da totalidade das opressões, ancorado nas lutas coletivas em prol da descolonização.

A leitura e os estudos das obras de Vèrges, Hooks e Federici foram, segundo as participantes do CILEF, muito relevantes para as reflexões, debates e críticas sobre o movimento feminista e seus entendimentos do que é ser uma mulher feminista e como praticar o feminismo no cotidiano. Como enfrentar o sexismo, o racismo e a misoginia presente na sociedade contemporânea. Desse modo, compreende-se a importância do feminismo interseccional. De fato, busca-se um feminismo que nos faça compreender as desigualdades sociais, sobre gênero, classe e raça. Por isso, o conceito de interseccionalidade se faz crucial. Pensando nisto, o CILEF mergulhou em diferentes perspectivas do feminismo. Para isso foi lido e problematizado o texto "who is afraid of post colonial theory", para compreender acerca do feminismo interseccional. A teoria decolonial e pos colonial é então imprescindível para a melhor compreensão das intersecções das mencionadas.

Com o intuito de compreender a interseccionalidade e o movimento feminista atual, que é atravessado pela chamada transformação digital, também foi debatido no CILEF o texto "Intersectionality: The Fourth Wave Feminist Twitter Communit". Além disto, o capítulo "*Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade*" do livro "*Interseccionalidade - Feminismos Plurais*" de Carla Akotirene, uma pesquisadora referência do feminismo negro no Brasil, e que é extremamente direta sobre o que é interseccionalidade.

Akotirene (2019) entende a interseccionalidade como “sistema de opressão interligado” que envolve a vida de mulheres negras no encontro de avenidas identitárias. Nessa perspectiva, destaca-se também o pensamento da escritora estadunidense Patricia Hill Collins. A autora apresenta aos leitores e leitoras o que é interseccionalidade na perspectiva do pensamento feminista negro, articulando diversas contribuições de outros (as) intelectuais. Outro ponto importante destacado por Akotirene é a apropriação do conceito por instituições, movimentos

sociais e correntes teóricas que em muitos casos negam a autoria feminista negra e utilizam do conceito para criminalizar corpos negros. Assim, a autora escancara o que denomina de epistemicídio e racismo epistêmico.

No segundo capítulo do livro, Akotirene destaca que a interseccionalidade é uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais (Akotirene, 2019). Assim, a interseccionalidade pensa múltiplas identidades e demonstra como e quando as mulheres negras são discriminadas e estão direcionadas a avenidas identitárias, o que as torna vulneráveis as estruturas e fluxos modernos. (Akotirene, 2019).

Para exemplificar como os movimentos sociais (movimento feminista e o negro) produzem insumos teóricos para o Estado, o qual promove essencializações sobre os corpos de mulheres negras, pois desconsideram as múltiplas discriminações, a partir de duas ou mais vias identitárias, a autora utiliza o caso da General Motors, nos Estados Unidos. Segundo ela, a empresa até a década de 1960, não contratava mulheres negras e, quando passou a fazê-lo na década seguinte, manteve a discriminação de raça e gênero prescrita às demissões compulsórias e restrições para admissão baseadas na altura e no peso corporal de funcionários. Nas palavras da autora:

Em 1976, a trabalhadora Emma DeGranffenreid e várias mulheres negras processaram a General Motors por discriminação de raça e gênero, pois os homens negros trabalhavam na linha de montagem e as mulheres brancas nos serviços de secretariado. Para a Corte, tradicionalmente masculina e branca, é muito difícil compreender a identidade interseccional e criminalizar o racismo e o sexismo institucionalizados contra as mulheres negras sem enveredar pelos mesmos expedientes que as levaram recorrer às leis antidiscriminação, senão desmarginalizar raça e gênero (Akotirene, 2019, p. 62-63).

Desse modo, compreende-se que a autora apresenta fatos, dados e exemplos que embasam sua tese. Por conseguinte, entende-se as contribuições de Carla Akotirene para o enriquecimento dos debates e reflexões no CILEF. As obras estudadas apontam para a necessidade de aprofundar as teorias dentro do movimento feminista, haja vista, que as autoras aqui citadas criticam a ótica do feminismo hegemônico. Tais leituras possibilitam novas análises e entendimentos das lagunas do movimento.

Contudo, o CILEF também realizou e realizará leitura de obras clássicas do feminismo, como por exemplo, *O segundo sexo* (1980), de Simone de Beauvoir. Obra publicada originalmente em 1949, dividida em dois volumes, consagrou a autora na filosofia mundial. No primeiro volume Beauvoir aborda fatos e os mitos da condição das mulheres na sociedade, enquanto no segundo a condição das mulheres é analisada em todas as suas dimensões –

política, sexual, psicológica e social. A obra da escritora francesa é considerada importantíssima pelo movimento feminista e trouxe inúmeras reflexões para as participantes do CILEF.

Diante das reflexões ensejadas, o presente trabalho destaca a seguir os resultados da pesquisa. Isto é, as reflexões acerca das percepções das participantes do CILEF do norte e do Sul global, evidenciando os objetivos propostos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa é de cunho qualitativa e a metodologia utilizada foi um questionário. Objetivou-se com o questionário colher percepções das participantes do Círculo de Leituras e Estudos Feministas sobre sua relevância e impacto. Compreender como o projeto tem impactado suas vidas, pesquisas, dia a dia e suas posturas enquanto mulheres feministas. Foram elaboradas 12 perguntas na plataforma Google Forms e enviadas via e-mail para as participantes. As seguintes perguntas abertas estavam presentes: Com qual gênero você se identifica? Qual sua área de estudos / atuação profissional? Como você coloca os aprendizados na prática e no cotidiano? Desde quando você participa do Círculo Internacional de Leituras e Estudos Feministas? Por que você decidiu ser parte do círculo feminista? O círculo contribui para a sua educação feminista? Como? Como você coloca os aprendizados na prática e no cotidiano? Com quais desafios sexistas se depara na sua vida cotidiana? O círculo ajuda-a(o) a combater o sexismo na sua vida diária? De que forma? Você incentivaria alguém a participar do círculo de estudos feministas? Por quê? Você tem interesse em continuar participando das atividades do círculo? Qual é a importância do círculo de leituras e estudos feministas na sua vida? Deixe aqui uma citação de um livro/música/poema que lemos no círculo e que te impactou.

O questionário foi disponibilizado em inglês e em português e foi respondido por dez pessoas. Seis pessoas responderam em português e quatro em inglês. As perguntas visam averiguar as razões individuais da participação e continuidade no círculo. Sobretudo, buscou-se identificar, se há uma percepção do impacto direto no cotidiano e como os temas debatidos no círculo se fazem presente também fora dele. Sendo assim, faz-se esforços para reconhecer a relevância do CILEF para a performance, percepção e discurso feminista de quem o frequenta.

Dentre as dez participantes, duas responderam que se identificam com o gênero mulher, sete com o gênero feminino, e uma com gênero não binário. Todas as pessoas se

encontram atualmente em um contexto acadêmico de graduação, mestrado, doutorado ou docência.

As áreas de interesse são diversas e promovem um debate transdisciplinar partindo das perspectivas de acadêmicas da literatura inglesa, de estudos do Oriente Médio, da psicologia, da geografia-social-política-digital, dos estudos da linguagem, da geografia e sociologia, da área de trabalho e gênero, do jornalismo e saúde, da política pública, das ciências sociais, do direito, e da saúde mental e saúde coletiva.

As motivações são diversas, mas foram justificadas principalmente considerando as características Feminista e Internacional. Cinco respostas se configuram dentro do aspecto Feminista e expressam um grande interesse em aprofundar conhecimentos e ampliar referências em teoria feminista, movimento feminista, pelo interesse em dialogar acerca da história, dos fundamentos políticos e epistemológicos do feminismo. O aspecto Internacional do círculo também é objeto de desejo e foi expressado em três respostas como interesse em conhecer outras realidades e estudos sobre gênero em uma perspectiva internacional.

Para além disso, foi enfatizada a importância da abordagem diversificada, global e interdisciplinar elucidada com clareza nesta resposta: “Os debates feministas geralmente são moldados a partir dos EUA e da Europa, ou são autores e acadêmicos dos EUA e da Europa que são discutidos nos debates feministas. Os debates tendem a não ter interseccionalidades, ou seja, experiências de exclusão devido ao racismo, classismo ou outros mecanismos de exclusão, em nível global. Portanto, é importante para mim ter um intercâmbio internacional e interseccional sobre teorias feministas para fechar pontos cegos em meus pontos de vista. No círculo de leitura internacional, diferentes pessoas de diferentes países se reúnem, discutem literatura feminista e têm espaço suficiente para trocar diferentes perspectivas sobre essas obras e experiências na vida cotidiana. Isso tem um imenso valor agregado e é o motivo pelo qual eu quis participar”. Observa-se aqui a importância de obras como a de Bell Hooks debatida nas reuniões do círculo.

Através do questionário se identificou que o CILEF tem se configurado como “principal espaço de formação sobre o feminismo” para as participantes. Sua contribuição para a educação feminista se revela como espaço de aprendizado, mas também de resistência como expressado nesta resposta: “Podemos discutir e entender questões relacionadas a raça, classe e gênero, dialogando com o que vivemos no cotidiano. Além disso, podemos entender teoricamente como o patriarcado aliado ao capitalismo nos oprime enquanto mulheres.

Entretanto, há caminhos possíveis de “fuga” para combater e estruturar mudanças”. Sua contribuição é também em forma de compartilhamento de vivências.

A relevância do CILEF também está na forma que as participantes enfrentam os desafios sexistas no cotidiano. Dentre os desafios listados, como misoginia, abuso de poder, desigualdade no trabalho, o papel da mulher na sociedade enquadrado como submissa diante de um homem, a sobrecarga da maternidade e fenômenos como o mansplaining, as participantes relatam que o círculo ajuda sobretudo a fundamentar teoricamente a prática individual. Portanto, o CILEF contribui incentivando a reflexão e inquietação pulsante, à medida que me faz perceber as sutilezas do patriarcado e como isso está internalizado em nós mesmas”.

A contribuição se configura como conjunto de meios de defesa e de subsistência. Como relatado neste depoimento “Para mim, pessoalmente, a troca e o conhecimento de que não estou sozinha com alguns problemas ou de que minha raiva é legítima é uma capacitação para lidar com as experiências cotidianas. Portanto, sim, o círculo me ajuda a combater o sexismo cotidiano porque me faz sentir empoderada”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o Círculo Internacional de Leitura e Estudos Feministas é relevante para a formação feminista e enfrentamento diário do machismo, sexismo e misoginia presentes na sociedade. Como resultado da análise, observa-se um grande interesse em compreender as teorias feministas e o movimento feminista, assim como o desejo de trocar conhecimento, e acessar uma perspectiva interseccional sobre justiça de gênero.

Também se identificou que o círculo se configura como principal espaço para o acesso ao debate feminista, sendo este um “safe space” de compartilhamento sobre experiências pessoais cotidianas. Para mais, o círculo é descrito como uma ponte do campo feminista entre o norte e o sul global, permitindo a expansão das fronteiras geográficas e linguísticas.

Deve-se considerar que a seleção de dados nunca pode ser abrangente e teve de ser subjetivamente restrita. Destaca-se aqui a participação majoritária de sujeitas identificadas com o gênero feminino e, portanto, esta pesquisa se limita às percepções de participantes que se identificam com gênero feminino, mulher e não binário. Diante disso, reconhece-se a importância de promover análises que investiguem a não presença de participantes de gênero masculino e outros nos debates feministas.

As respostas ao questionário do Google Forms foram escritas por acadêmicas de diferentes áreas. Nesse sentido, este trabalho lidou com um grupo específico de pessoas que, pertencem ao círculo feminista e têm experiência em tópicos variados e específicos, mas que se limita a percepção de feministas acadêmicas. Considera-se, portanto que a relevância do CILEF está na forma como transforma vidas, sobretudo de mulheres, ao utilizar a leitura como munção para a formação feminista e enfrentamento diário ao machismo, sexismo e misoginia presentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

Akotirene, CARLA. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tra. Do Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

Hooks, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2020.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

SOBRE AS AUTORAS

ADILA EUGENIA BRINDEL

Doutoranda em Geografia pela Friedrich Alexander Universität com enfoque em feminismo e perspectivas decoloniais. Se engaja principalmente em projetos com viés político para promover a justiça social e de gênero e fortalecer os direitos humanos. Recebeu financiamento do Ministério Federal de Educação e Pesquisa (BMBF) para um projeto na África do Sul pelo DAAD na Alemanha. Em 2023, recebeu o Prêmio Fundação Hans-Wilhelm und Helga Schüßler. Atualmente está desenvolvendo um projeto de doutorado que visa construir uma abordagem para promover a emancipação das mulheres no sul global usando tecnologias digitais de comunicação e informação. [linkedin.com/in/adila-eugenia-brindel-321898196](https://www.linkedin.com/in/adila-eugenia-brindel-321898196).

DAMIANA PEREIRA DE SOUSA

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo), do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG). É mestra em Geografia também pela Universidade Federal de Goiás (2019). Possui especialização em Educação em Astronomia (2016) e, graduação em Geografia (2013), ambas também pela Universidade Federal de Goiás. Participa do grupo de Estudos e Pesquisa Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira" (IESA/UFG), do Grupo de Estudos e Pesquisa em Vigilância e Saúde do Trabalhador (FIOCRUZ), da Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura - ENTREMEIO (USP), do grupo de Pesquisa Via Geoliterária - Geografia, Literatura e Educação Geográfica (UERJ/CNPq) e do International Reading Circle in Feminist Studies within the project Diversity Scout from the Office of Equality and Diversity at Friedrich Alexander Universität Erlangen - Nürnberg (FAU), com foco nos seguintes temas: Geografia e Literatura e Literatura indígena. lattes.cnpq.br/2935858929184117.

DAISY LUZIA DO NASCIMENTO SILVA CAETANO

Geógrafa licenciada (UEG/UnUCSEH) e bacharela (UFG/IESA). Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (Regional Catalão) pela linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Ciências Sociais - FCS) pela linha de pesquisa Trabalho, Formação e Representações Culturais. Técnica em assuntos educacionais no Instituto Federal de Goiás - Câmpus Águas Lindas. Professora Substituta de Geografia no Instituto Federal de Goiás - Câmpus Anápolis. Presidenta da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) - Seção Goiânia. Compõe o Colegiado do Núcleo de Estudos sobre o Trabalho (NEST) da FCS-UFG. lattes.cnpq.br/989206360840400